



A COR PATRIMONIAL URBANA: IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DAS SUPERFÍCIES ARQUITETURAIS HISTÓRICAS DA RUA DIREITA DE LARANJEIRAS SE/BR

PAULO, Karoline P. (1); SILVA, Éder D. (2)

1. Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em História.
E-mail: karolinedepaulo@gmail.com

2. Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.
E-mail: eder@infonet.com.br

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo estudar a paisagem patrimonial urbana por meio de sua cultura cromática, analisando as superfícies pintadas do conjunto edificado do Calçadão Getúlio Vargas, na cidade de Laranjeiras no interior do Estado de Sergipe do Nordeste brasileiro. Para tanto, foram exploradas através do levantamento teórico-histórico, fontes bibliográficas primárias, a história oral da comunidade laranjeirense e a análise iconográfica de fotografias antigas. Complementarmente, com o auxílio do Colorímetro Digital e Catálogo de Cores NCS aplicados *in situ* na análise das fachadas, foram identificados e catalogados em mapas os cromatismos nas superfícies arquiteturais das 23 edificações presentes atualmente na Rua. Como resultado, foi possível entender e apreender a cultura cromática presente na área histórica urbana da cidade de Laranjeiras; demonstrar uma metodologia científica que pode ser muito válida para a conservação, prevenção e restauro do patrimônio cultural material e imaterial; e testemunhar como a paisagem urbana apresenta transformações pictóricas no decorrer do tempo, possibilitando o registro e, conseqüentemente, a preservação da memória e identidade da história de uma sociedade.

Palavras-chave: arquitetura; cor; cromatismos; identificação; mapeamento.

Abstract

The present work aimed to study the urban heritage landscape through its chromatic culture, analyzing the painted surfaces of the built complex of Calçadão Getúlio Vargas in the city of Laranjeiras, the interior of the State of Sergipe in the Brazilian Northeast. From that perspective, were explored through theoretical-historical research, primary bibliographical sources, the oral history of the local community, and iconographic analysis of old photographs. Complementarily, with the help of the Digital Colorimeter and the NCS Color Catalog, applied in situ in the investigation of the facades, the chromatisms on the architectural surfaces of the 23 buildings currently present-day on the Street were identified and cataloged on maps. As result, it was possible to understand and apprehend the chromatic culture present in the urban historical area of the city of Laranjeiras; to demonstrate a scientific methodology that can be very valid for the conservation, prevention, and restoration of material and immaterial cultural heritage; and to witness how the urban landscape presents pictorial transformations over time, enabling the recording and, consequently, the preservation of the memory and identity of the history of a society.

Keywords: architecture; color; chromatisms; identification; mapping.

INTRODUÇÃO

A imagem urbana é determinada pela relação existente entre diversos fatores, entre eles: sua materialidade; sua linguagem formal-compositiva; sua disposição no tecido urbano; a volumetria, pelos cheios e vazios; o meio natural em que se insere; e por fim, pela cor (AGUIAR, 2002, p.316). A cor desempenhou, especialmente, importante papel nos espaços urbanos históricos, segundo Bezerra e Nappi (2012, p.70), ela foi nas cidades antigas, tanto elemento principal de identificação do homem com o meio, quanto ferramenta de diferenciação espaço-temporal, se diversificando pelos mais distintos territórios, climas e sociedades.

Ao contrário da imagem que as antigas cidades romanas hoje apresentam, essas foram, em seu ápice, um meio extremamente rico em cromatismos. Essas manifestações, além de seu valor estético, eram fruto do processo de adaptação da urbe as condições luminosas de seu clima (BEZERRA, 2010, p.20). Já na África, é possível observar que, destoando das comunidades na região sul, conhecidas pelos matizes exuberantes em contraste com o espaço de inserção, o Norte, em seus limitados insumos pétreos, mimetizava as cores do meio, resultando em uma homogeneidade cromática entre construção e natureza (BEZERRA, 2010, p.22; NAOUMOVA, 2009, p.59).

Em outra perspectiva, existiram momentos em que a cor correspondeu a intenções simbólicas de manifestação de poder. Desde a Antiguidade, as cores mais preciosas eram aquelas mais difíceis de serem processadas, conseqüentemente implicando no poder econômico de quem as exibiam. Dessa forma, seja por sua materialidade ou simbologia, é possível assumir que “Cada época possui a sua cultura arquitetônica, à qual correspondeu uma específica cultura cromática.” (AGUIAR, 2002, p.137). Sendo assim, importante parte da cultura de um povo, estando intrinsecamente ligada a seu território, cotidiano e costumes, logo, digna de preservação.

Para tanto, é de extremo interesse, como parte dos mecanismos de salvaguarda, sua devida documentação. Ao registrar essa memória única patrimonial urbana, tais produções técnicas se tornam elos afetivos com o passado, meios para rememoração e preservação daquilo que se perdeu, ou que um dia poderá deixar de existir (OLIVEIRA, 2008, p.13). Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo estudar a paisagem patrimonial urbana por meio de sua cultura cromática, analisando

e documentando as superfícies pintadas do conjunto edificado do Calçadão Getúlio Vargas da cidade de Laranjeiras, interior do Estado de Sergipe do Nordeste brasileiro. Esse conjunto arquitetônico, integrante do tombamento urbanístico e paisagístico determinado pelo IPHAN em 1995, faz parte da estrutura da antiga Rua Direita, via comumente assim denominada na maioria das cidades implantadas no período Colonial. Com edificações remanescentes dos séculos XVIII, e especialmente XIX, são capazes de demonstrar a cultura material e imaterial não apenas nos elementos arquitetônicos, mas igualmente pelas cores empregues em suas fachadas. Dessa forma, a sua escolha como objeto de estudo parte tanto por sua expressividade arquitetônica, como por sua importância histórica no desenvolvimento de Laranjeiras. Para alcançar esse respectivo conhecimento, foram realizadas pesquisas em fontes primárias e secundárias, como textos, fotos e documentos que preservassem tais informações, onde extrema importância se fez a oralidade da população laranjeirense. Como resultado, foi possível traçar linhas de concordância e dissonância entre a cultura cromática de Laranjeiras e a de outros territórios, mostrando sua singularidade cultural e patrimonial. Complementarmente, com o auxílio do Colorímetro Digital e Catálogo de Cores NCS aplicados *in situ* na análise das fachadas, foram identificados e catalogados os atuais cromatismos nas superfícies arquiteturais das 23 edificações do conjunto. Conectando, assim, a memória e a cultura presente da cor urbana desse importante espaço histórico.

A COR E O ESPAÇO PATRIMONIAL URBANO HISTÓRICO: A HISTÓRIA CONTADA PELAS FONTES

Buscando compreender a cor no espaço urbano por meio da Rua Direita da cidade de Laranjeiras, foram trabalhados, primeiramente, os aspectos históricos e técnicos de sua manifestação. Para tanto, foi desenvolvido o levantamento teórico-histórico em fontes bibliográficas primárias e secundárias; a história oral da comunidade laranjeirense; e a análise iconográfica de fotografias antigas. Nesse momento, foi explorado o método de produção das tintas empregues, o seu tipo (históricas ou sintéticas), e a sua origem (animal, vegetal, mineral, industrial).

Para a coleta da oralidade, o método escolhido foi a entrevista de caráter aberto, caracterizada pela exposição geral de um tema a qual o entrevistado recebe a

oportunidade de livre abordagem, permitindo a rememoração natural dos eventos. Entre as grandes vantagens desse método está: a possibilidade de maior coleta de informação, e facilidade de engajamento do entrevistado, devido a postura mais informal do processo (BONI e QUARESMA, 2005).

Buscando apreender as cores empregues no passado do Calçadão, o tema das entrevistas foi dedicado as memórias de infância dos membros da comunidade, o que possibilitou identificar duas paletas da região: a primeira, correspondente até aproximadamente 1970, com Valdete Rocha, de 93 anos; e a segunda, referente as cores empregues a partir de 1980, com Sônia Borges, de 64 anos. Para auxiliar a contextualização temporal das narrativas obtidas, foram cruzados fatos apresentados nas entrevistas, com as notícias publicadas no *Jornal Vida Laranjeirense*, operante no município no século XX, permitindo maior precisão dos relatos.

Laranjeiras, cidade sergipana situada entre oito colinas, e ao longo das águas do Rio Cotinguiba, surgiu no final do século XVI por meio de uma Carta de Sesmaria endereçada a Thomé Fernandes, em 23 de julho de 1594 (OLIVEIRA, 1981, p.23), como o primeiro dos novos donatários, lentamente promoveu a ocupação desse território. Centrada em seu porto, a região passou a tomar forma, totalizando em 1606, vinte e uma doações de terras, um começo próspero que foi forçadamente interrompido pela ocupação holandesa que subjugou a região por trinta e nove anos, e quando finalmente foi obrigada a abandoná-la, já em 1645, deixou o núcleo em completo estado de destruição, e uma árdua missão de se reestabelecer.

Começando sua segunda fase de crescimento a partir da segunda metade do século XVII, Laranjeiras encontrou por meio da fé e do comércio sua força para expansão. Seguindo as margens do Rio Cotinguiba, trapiches, armazéns e casas de comércio se proliferaram, permitindo que em 1731 recebesse sua primeira ocupação religiosa efetiva com os jesuítas, que instauraram um novo polo urbanizador: a Igreja da Comandaroba. Tais prósperas condições permitiram que, em 1799, essa jovem ocupação fosse reconhecida como Povoado de Laranjeiras.

Com um forte comércio de importação-exportação, e atividade agropecuária cada vez mais estável, Laranjeiras estabeleceu as bases para sua independência política, permitindo que entre os anos de 1750 e 1800, se fixassem novos polos religiosos. Situada em região mais próxima ao centro econômico do povoado, destacou-se nesse processo a Capela do Santíssimo Coração de Jesus, sua matriz. Elevada à categoria

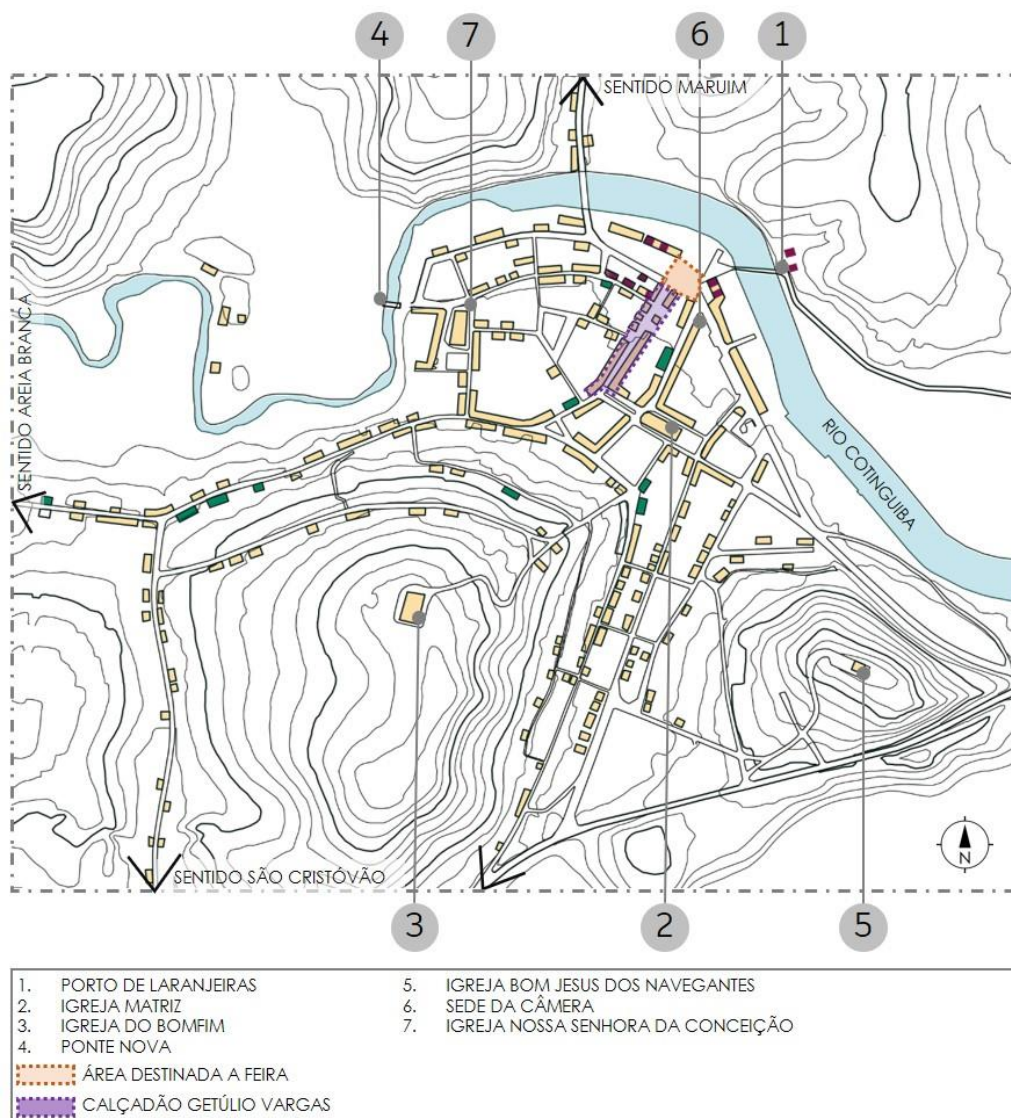
de Vila em 1832, Laranjeiras era aclamada por ser a casa de personalidades importantes, como médicos, advogados, artistas e comerciantes, desfrutando, conseqüentemente, de um forte poderio econômico, grande prestígio social, e reconhecido corpo religioso por toda Sergipe.

Progressivamente expandindo suas fronteiras, foi elevada à categoria de cidade apenas doze anos depois, em 1848. Laranjeiras, então, finalmente desfrutou no século XIX de seus anos dourados, com seus engenhos apresentando sua máxima produtividade, seu porto amplamente reconhecido, e sua feira despontando como a principal no território sergipano. Contudo, não muito depois, ela logo encontrou sua decadência: em reflexo a abolição da escravatura no final do século XIX, seu sistema econômico, que em muito dela dependia, colapsou. A outrora potência sofreu um intenso esvaziamento de sua urbe, que apenas se agravou com as crises epidêmicas que assolaram a cidade.

Com um quadro geral no início do século XX nada promissor, era visível pelos artigos do *Jornal a Vida Laranjeirense* que, apesar deste estado urbano decadente, havia iniciativas públicas na cidade dedicadas a melhorias da higiene, iluminação, vias e pontes, além de uma forte movimentação no cenário sociocultural, com constantes visitas de artistas e artífices. Entretanto, o definitivo novo sopro de vida só ocorreu em 1980 com a industrialização, que promoveu o adensamento do centro histórico outrora abandonado, consolidando, uma última vez, uma das mais importantes áreas comerciais de Laranjeiras: o conjunto hoje conhecido como Calçadão Getúlio Vargas.

Essa região, fragmento da Rua Direita, era o espaço mais bem localizado, situando-se entre o Porto, a Feira Municipal e a Igreja Matriz, conectando, assim, o polo religioso ao comercial (Figura 1). Apresentando em sua estrutura diversidade de comércio e serviços, destacou-se arquitetonicamente do restante da cidade pelos famosos sobrados que configuravam sua paisagem urbana. Azevedo (1975, apud Leão, 2011, p.88-90), quando aborda a região, indica a transformação arquitetônica como um processo natural da evolução econômica cidadina, onde à medida que as condições de vida dos moradores melhoravam, suas edificações simples eram substituídas pelos imponentes sobrados.

Figura 1 – Configuração urbana de Laranjeiras.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Apresentando uma estabilidade tanto estética quanto de uso, muito provavelmente atribuída ao esvaziamento da urbe no início do século XX, as edificações atualmente restantes no calçadão são remanescentes dos séculos XVIII, e principalmente XIX, intervalo correspondente aos anos dourados da cidade. Como uma manifestação naturalmente urbana, o sobrado é uma tipologia arquitetônica de uso misto, que apresentava no térreo suas atividades comerciais, se aproveitando do fluxo provido pelo contato direto com a rua, enquanto o pavimento superior era dedicado a vida familiar. Caracterizados pela ausência de afastamento entre lotes, criavam uma sucessão de superfícies com diferentes motivos estilísticos e decorativos (GOMES, 2002, *apud* LEÃO, 2011, p.88), e que no caso de Laranjeiras, é identificável elementos entre o neoclássico e eclético.

Quanto as técnicas construtivas, é possível encontrar uma homogeneidade de práticas que poderia se definir como herança. Devido ao alto valor atribuído aos insumos pétreos, muitas das edificações residenciais eram executadas com taipa de pilão ou pau-a-pique, e então recobertas por camadas de argamassa que imitavam o aspecto das construções em pedra (BEZERRA, 2010, p.25). A cal, integrante principal as misturas argamassadas, é tida como um dos primeiros ligantes constatados na história, registros informam do seu emprego policromado desde antes de Cristo, a exemplo os egípcios, cretenses e etruscos, que através de um leite de cal (água + cal), executavam os cromatismos tanto em interiores, quanto nas fachadas de suas cidades.

Além da posterior pintura com o leite da cal, a própria argamassa poderia ter suas características cromáticas alteradas em função de seus agregados; da adição de palha ardida/carvão moído/pó de tijolo ou pedras a sua massa; ou pela presença de terras com capacidades colorantes específicas (AGUIAR, 2002, p.256). Frente a uma expressiva limitação imposta a fabricação dos pigmentos, esses frequentemente correspondiam as fontes minerais, animais ou vegetais disponíveis na região, sendo assim, historicamente fruto da manipulação do meio.

Considerando o caso da cidade de Laranjeiras, mesmo com uma economia exponencial, é coerente pensar que a técnica predominante de pintura parietal das fachadas foi a base da cal ou de revestimentos argamassados. Onde seus pigmentos, muito provavelmente, igualmente foram resultado do processo extrativo de insumos locais, ou ainda, de materiais diversos trazidos nas embarcações ou por artífices viajantes. Hipóteses que foram possíveis confirmar pela oralidade de membros de sua comunidade.

Abordando o passado técnico e cromático das cores da Rua Direita de Laranjeiras, Valdete Rocha, 95 anos, narrou suas memórias de infância sobre a região, permitindo identificar em sua fala, importantes fatos. Buscando, primeiramente, situar o momento histórico ao qual ela rememora, é possível interpretar por sua narrativa, que morou no calçadão enquanto criança, pois ainda estava na escola, perceptível pelo trecho: “Era sobrado, muitos deles. Eu morei em um, que hoje está caindo. E o do outro lado, era de uma professora minha, municipal. Ela me ensinava tudo! Tudo o que eu aprendi, agradeço a ela e a Dona Zizinha” (informação verbal). Por uma pesquisa nos artigos do *Jornal Vida Laranjeirense*, um exemplar de 1935 noticia a participação da

Professora Zizinha Guimarães na inauguração da Biblioteca Municipal, permitindo uma primeira orientação temporal da narrativa.

Outra informação de apoio é, quando mais tarde, ela menciona a passagem de Lampião por Laranjeiras, contando: “E tinha o do Doutor. [...] Lampião veio, e se tratou com ele, de um olho. [...] Ele lhe disse que enquanto fosse vivo, não entraria em Laranjeiras” (informação verbal). Lampião, que faleceu em território sergipano na Gruta de Angicos em 1938, foi noticiado no *Jornal Vida Laranjeirense* de 1931, quando o 18º Batalhão de Caçadores de Aracaju teria saído no encalço do conhecido bandoleiro. A narrativa sobre as cores da senhora Valdete Rocha, assim, muito provável, se insere no intervalo do início de 1940, para a metade de 1950, quando apresentaria idade entre 13 e 18 anos, onde discorre:

As cores eram amarelas, e mais branco. Naquela época pintava mais de cal, não? Não eram essas tintas boas que temos agora. A pessoa não tinha condições muito boas, então pintava de cal. [...] Tinha rosa, verde claro, mas não vermelho. E marrom claro. [...] Perto da Zizinha, tinha outro sobrado vizinho, que era uma pensão. Era pintado de amarelo. E vizinho ao de Zizinha, tinha uma casa e outro sobrado pequeno, [...] que era pintado de rosa claro. (Informação verbal)

O branco, cor identificada como predominante na narrativa, é fortemente presente em diversas regiões de Portugal. Em um estudo realizado em 1981 para o Plano de Recuperação e Salvaguarda de Beja, foi constatado que o branco representava 85% das fachadas estudadas, seguido dos vermelhos (5%), amarelos (5%) e dos azuis e verdes, representando os 5% restantes (AGUIAR, 2002, p.334). Sua predominância pode ser tanto consequência da facilidade de sua execução, cor resultante da caiação, quanto pela concepção higienista presente a partir da segunda metade do século XIX, frente a já conhecida propriedade antisséptica da cal (GIL, 2009, p.143).

Quanto as cores, outra questão a chamar atenção na narrativa é a informação das tonalidades exclusivamente claras. É de conhecimento que, devido a uma limitação de absorção da cal aos pigmentos, os tons resultantes eram mais próximos aos pasteis, apresentando uma popular tricromia entre o branco, ocre e rosas (MOITA, 1996 *apud* AGUIAR, 2002, p.346). Em *As Casas Pintadas de Évora* (2014, p.58), os tons de ocre, com natureza inorgânica e mineralógica diversa, eram reconhecidos pela sua grande estabilidade. Com sua cor creditada ao óxido de ferro em sua composição, poderiam variar entre o laranja e amarelo (FONSECA, 2006, p.70).

No que diz respeito da tonalidade rosa, seu produto era consequência do esmaecimento de pigmentos vermelhos misturados com a argamassa ou leite de cal. Pigmento precioso, é constatado por Vitruvius sob dois tipos: o proveniente do cinábrio, e o vermelhão. Destacando-se o segundo, considerando que o cinábrio, quando exposto a luz solar, sofria uma reação química e enegrecia. Em Portugal, entretanto, foram registrados rosas provenientes de outras fontes, onde: “[...] o rosa tradicional, em Lisboa, era obtido a partir do carmim ou do ‘*grenat*’, com menor ou maior mistura de cal, nada tem a ver com os agressivos e amesquinhadores ocres rosados [...]” (MOITA, 1996 *apud* AGUIAR, 2002, p.582).

No que se diz respeito aos pigmentos produzidos em território nacional, é perceptível uma certa miscigenação das tradições portuguesas com o novo território, fruto tanto da nova flora e fauna, quanto pela influência negra e indígena (PEDROSA, 2014, p.150; SILVA e SANJAD, 2013, p.3). Quando os pigmentos não eram retirados das próprias penas das aves, fazia-se uso de insumos vegetais, onde o vermelho poderia ser extraído do urucum, da árvore sangue de dragão, e do pau-brasil; e o amarelo do açafrão (CIANCIARULO, 2014, p.70; PEDROSA, 2014, p.151).

Estudando as tintas locais presentes na arquitetura de Belém, no Pará, Silva e Sanjad (2013, p.4), abordam uma forte influência indígena na produção dos pigmentos, produto da mistura da tabatinga processada, água, e leite da árvore sovina. Almeida (2016, p.234), estudando os conventos franciscanos na Província de Santo Antônio, no Nordeste brasileiro, constatou pigmentos variando entre marrom, amarelo e vermelho, creditados as características minerais do solo, ao açafrão, ao urucum e ao carajuru. Delamare e Guineau (2000) *apud* Naoumova (2009, p.55), complementam os possíveis insumos típicos brasileiros com a coloração vermelho-rosada a cochonilha, um inseto da família *Coccidae*.

Ultrapassando a esfera dos pigmentos mais comuns, tem-se, ainda, os azuis, verdes e índigo. Os azuis, devido a sua baixa reação com a cal, eram de difícil aplicação nas fachadas das edificações históricas (AGUIAR, 2002, p.453). Seu uso era quase que exclusivo as pinturas encomendadas por famílias de extremo poder econômico ou da Igreja. Sua produção foi registrada pelo processamento do óxido do cobre com quartzo no Egito; da pedra lápis-lazúli na Europa a partir de 1200 d.C.; ou sílica/óxidos de cobre e sais de bário na China (BANKS e FRASER, 2007, p.50; CRUZ, 2007, p.13; MELLO e SUAREZ, 2012, p.5). Em As Casas Pintadas de Évora (2014, p.60), faz-se

menção de uma azul-índigo, encontrado em Portugal, que era proveniente do processamento da planta *Ingiósfera tictória*.

Aguiar (2002, p.453), comenta nos estudos realizados para a intervenção no Palácio de Queluz, localizando em Sinta, que foi possível encontrar o pigmento azul de esmalte. Conhecido desde a Antiguidade, era resultado da calcinação de cobalto, quartzo e álcali, formando um vidro de tonalidade azul, que seria esmagado e adicionado à pasta ou leite de cal. No Brasil, tais tons que se aproximam do anil, foram registrados como extraídos de arbustos (DELAMARE e GUINEAU, 2000 *apud* NAOUMOVA, 2009, p.55).

Por último, os tons esverdeados, consideravelmente mais incomuns, são normalmente de origem mineral, pelas conhecidas terras verdes. São definidos tanto por Cruz (2007, p.16), quanto por Pedrosa (2014, p.123), como os pigmentos processados a partir de solos argilosos, ou pedras com os minérios caladonite, glauconite e a clorite. Na antiguidade, Vitrúvio indicava a terra de Esmirna, cidade da Jônia, como a responsável pela produção de tal cor.

Sobre a cultura cromática da região, Valdete Rocha, comenta, ainda, sobre estilismos na pintura das fachadas, descrevendo que “O marrom colocava em baixo, para distinguir. Tinha o rodapé de uma cor, e a parte de cima de outra” (informação verbal), costume que pode ser identificado em fotografias antigas da região. Gil (2009, p.141), comenta que na região do Alentejo, no século XX, era comum a decoração policromada dos rodapés, cunhais, platibandas, molduras de portas e janelas. Demonstrando uma certa herança portuguesa de tais práticas ainda aplicadas em Laranjeiras na época.

Em outra entrevista, dessa vez com uma moradora laranjeirense que aborda suas memórias em uma época distinta a de Valdete Rocha, foi possível conhecer uma similar, mas ao mesmo tempo destoante, narrativa cromática. Sônia Borges Melo, moradora de Laranjeiras desde seu nascimento, ao comentar as cores aplicadas no Calçadão, discorre:

O Calçadão, a princípio, não era calçadão. A Rua Getúlio Vargas, era popularmente chamada a Rua do Comércio [...] tinha variedade. Tanto tinha o claro, como o berrante, ou como o chamavam: o espalhafatoso. [...] Mesmo porque, eu ainda me lembro que era tinta feita de cal, e que tinha uns “pinguinhos” que se colocava de pigmentação, e você dava o tom que você queria. [...] Tinha o azul forte. Os tons eram mais pasteis. O que predominava, normalmente, eram essas cores: o azul, o rosa e o verdinho. Tinha aquela

pigmentação que colocava na cal, que depois aperfeiçoou para o hidrator.
(Informação verbal)

Considerando que hoje apresenta 66 anos, sua narrativa avança, muito provavelmente, para o final de 1970, quando teria alcançado idade próxima dos quatorze, mesma época em que o processo de industrialização chegou na cidade. Tal momento, permitiria a introdução de novos meios para a pigmentação das edificações, comprovado por sua memória de misturar o “hidrator” com a cal. Pode-se perceber, também, que devido a sua aplicação continuar ligada a cal, as cores predominantemente ainda eram as pasteis. Com exceção do azul, permaneciam os matizes (amarelo, rosa e o verde claro) e as tradições pictóricas das fachadas (distinção de cores por pavimento e ornamentos), anteriormente comentadas por Valdete Rocha (Figura 2).

Figura 2 – Comparação entre a Rua Direita em 1920 e 1970.



Fonte: Acervo pessoal de Evanílson Andrade Calazans, elaborado pelos autores, 2021.

O Calçadão Getúlio Vargas, dessa forma, apresentou em sua história, uma certa constância de suas técnicas e cores, ao passo em que entrou em contato com novas tecnologias e informações, se transformou, demonstrando uma interessante evolução de sua comunidade e cultura cromática. Tais mudanças, apontadas pelas fontes, reforçam a importância de documentar essas diferentes narrativas, formando registros e ferramentas de preservação da memória laranjeirense.

IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DAS SUPERFÍCIES ARQUITETURAIS HISTÓRICAS DA RUA DIREITA DE LARANJEIRAS

Nessa etapa, grande referencial metodológico foram as experiências do Centro de Tecnologia da Preservação e Restauro da Universidade Federal de Sergipe (CTPR). Para as ações desse trabalho, foram previamente preparadas fichas cadastrais das

edificações, câmera digital, o Colorímetro Digital NCS (modelo RM 200 X RITE %V @500 MA) e o Catálogo de Cores NCS. O processo que ocorreu na tarde do dia 17 de setembro de 2019, consistiu em três ações principais: realizar a aferição das cores por meio do Colorímetro Digital NCS; registrar os valores medidos nas fichas de identificação; e comparar os códigos registrados da superfície arquitetural com o Catálogo de Cores NCS. Como resultado, foram desenvolvidos o mapa de identificação das cores; paletas categorizadas por seus matizes; e tabela dos códigos gerados.

A fase conhecida como Identificação e Mapeamento das Superfícies Arquiteturais, se destinou ao levantamento das cores presentes nas 23 edificações que configuram o conjunto arquitetônico denominado de Calçadão Getúlio Vargas. Caracterizado por ser um ensaio laboratorial não destrutivo, foi dedicado a caracterização da cor luz da superfície, ou seja, aquela que não considera a composição química ou mineralógica das tintas. Para o seu emprego, quatro são os cuidados principais para o correto desempenho do Colorímetro Digital: a) antes de qualquer aferição a ferramenta deve ser calibrada; b) a superfície em contato precisar ser plana; c) é necessária uma distância de pelo menos 5cm entre o colorímetro e o pigmento a ser registrado; d) a posição deve ser mantida, no mínimo, por cinco segundos.

Além dessas medidas técnicas, é importante que a superfície ao qual se deseja obter a informação não apresente umidade excessiva (como aquela proveniente da chuva), ou aquecidas (por exposição prolongada ao sol). A ausência dessas condições pode causar imprecisão da aferição, que irá variar em uma escala crescente de três níveis, onde um ponto corresponderá a menor precisão. Assim, a atividade em campo ocorreu no final da tarde, momento que as superfícies apresentaram condições ideais para medição.

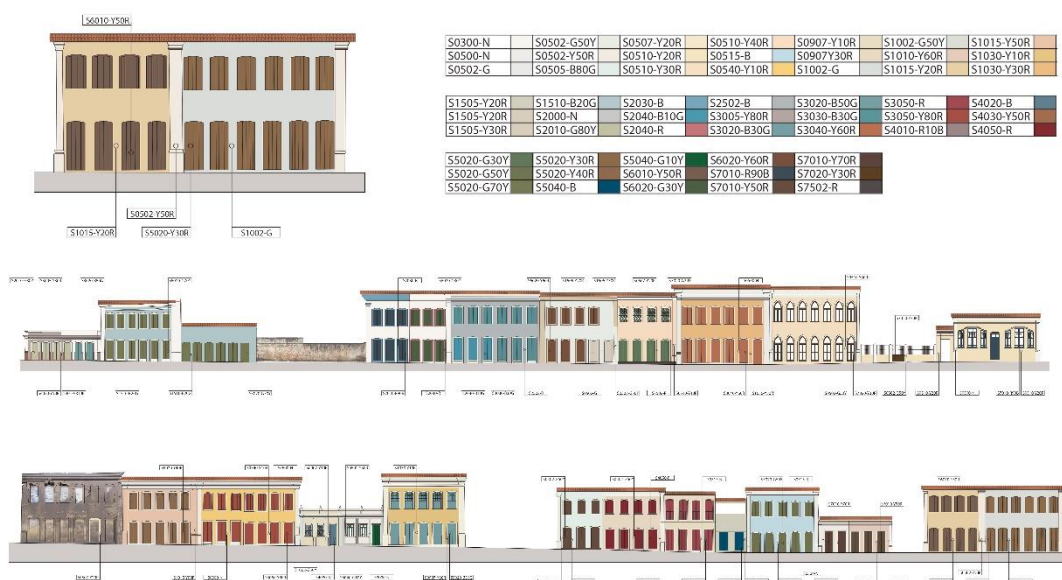
Frente a numerosa quantidade de edificações para levantamento, foram pré-selecionadas as regiões para aferições, sendo essas: a superfície principal argamassada colorida; o emolduramento das portas, elementos estilísticos de destaque das fachadas; e a pintura das esquadrias. Em algumas situações, em resposta as análises visuais, assim como ao fato de o mesmo código aparecer consecutivamente, foi optado por não registrar algumas superfícies brancas.

Durante o processo outras situações foram observadas, tanto sobre as condições dos pigmentos, quanto a sua aplicação. Primeiramente, algumas superfícies identificadas

apresentavam texturas que trouxeram complicação a medição, acusando média precisão. Em outros casos, em consequência ao destacamento da camada pictórica, foi possível observar extratos mais antigos de cor, nessas situações, a aferição se destinou apenas a camada mais externa e íntegra.

Ao final foram realizadas um total de 77 aferições, com 57 variações cromáticas. Desses foram encontrados 33 amarelos, 16 verdes, 13 azuis, 7 vermelhos e 8 negros, dos quais, eliminando as repetições, foi obtido: 26 variações de amarelo, 11 verdes, 11 azuis, 6 vermelhos e 3 negros. No mapa de cores, configurado pelas elevações desenvolvidas das edificações, foram localizados os pontos de identificação com seus códigos, e uma tabela síntese com todas as cores encontradas, evoluindo do menor para o maior quantitativo de negro (Figura 3).

Figura 3 – Mapa e tabela síntese das aferições realizadas.



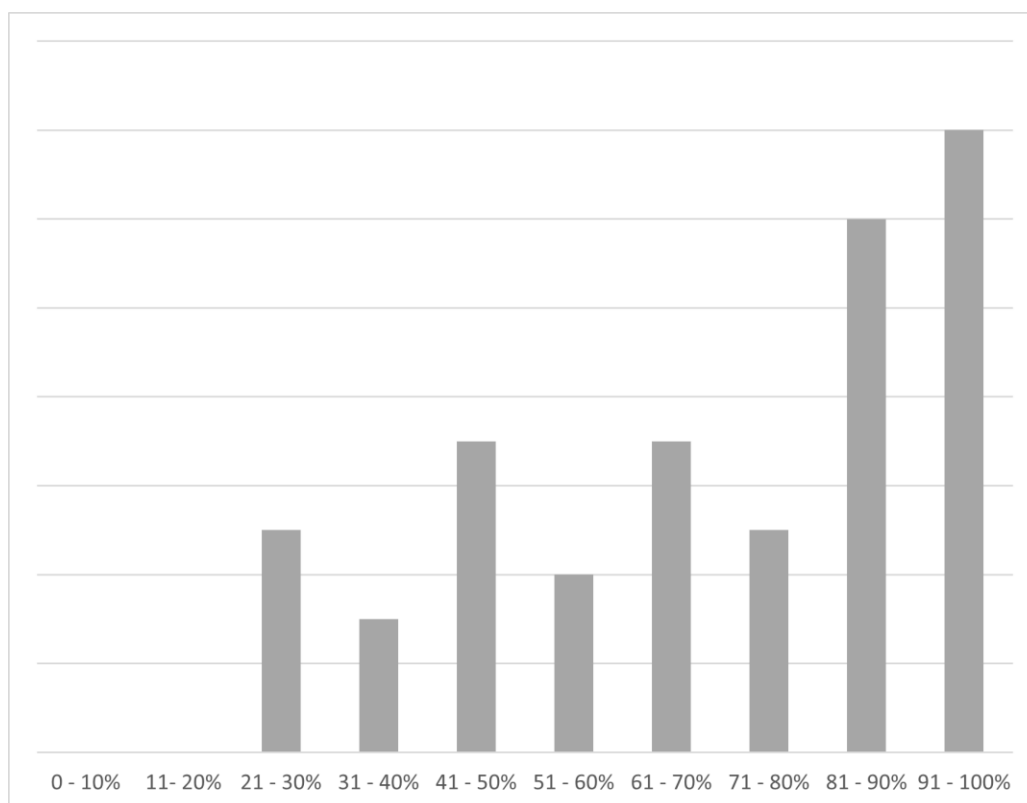
Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Para a compreensão de seu ordenamento, é necessário primeiramente entender a leitura do código. Dividido em três partes, temos: a) a presença do S, indicando que a cor faz parte do sistema NCS de 1950; b) uma sequência de quatro dígitos indicando a tonalidade/nuance da cor, onde os dois primeiros números indicam a quantidade de negro na cor, e os dois últimos a sua força cromática; c) uma sequência alfanumérica informando a natureza da cor, onde a primeira letra indica a cor principal ao qual é adicionada a porcentagem (representada pelos dois números seguintes) de uma matiz secundária, indicada pela última letra.

A exemplo, a leitura do código medido S 4040-Y80R é: 40% de negro, com 40% de força de cor; de um amarelo com adição de 80% de vermelho. Indicando que, apesar de visualmente a cor possa ser percebida como um vermelho, ainda está categorizada no grupo cromático do amarelo. Apontado uma importante questão: a diferença entre a caracterização cromática científica, e a avaliação perceptiva visual humana. Outro exemplo das aferições realizadas é o código S 0300-N, uma cor visualmente compreendida como branco, mas indicada como negro pelo colorímetro.

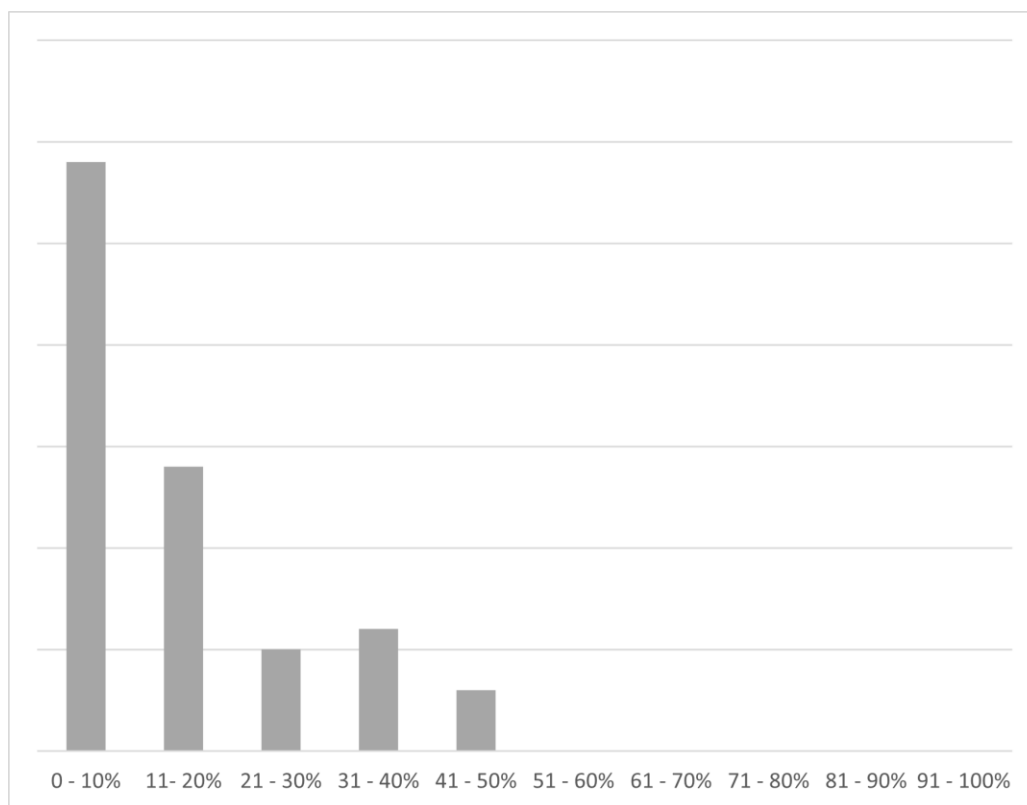
Esse fato pode ser compreendido por meio da interpretação total de sua configuração, onde é registrado uma baixa quantidade de negro (3%), e nenhuma força cromática (0%). E no caso do vermelho, de código S 7010-R90B, pela alta taxa de azul (90%), conjuntamente a pequena intensidade cromática (10%), se apresenta na paleta dos azuis. Reforçando a necessidade de avaliar as cores frente a todos os seus parâmetros: matiz primária, secundária, força de cor, e quantitativo de negro. Dessa forma, para melhor leitura, as aferições foram organizadas de acordo ao seu percentual de branco, valor determinado a partir da subtração do total (100%) pela quantidade de negro indicado no código, e por sua intensidade cromática, respectivamente organizados no Gráfico 1 e 2.

Gráfico 1 – Porcentagem de branco nas superfícies identificadas.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Gráfico 2 – Porcentagem de força cromática nas superfícies identificadas.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Dos dados levantados, foi possível concluir que as cores registradas possuem maior presença de branco em sua composição que o negro. Nessas, mais da metade dos cromas se encontram na faixa de 51% a 100% de branco (42 códigos), sem apresentar nenhum com valor entre 0% e 20%. Conjuntamente, foi igualmente identificado predominantemente baixos índices de força cromática, com 43 códigos inseridos entre 0 e 20%. Ainda nesse mesmo parâmetro, nenhuma aferição superou a marca de 50%, permitindo que, atualmente, a paleta do conjunto seja de cromatismos mais claros. Mantendo, dessa forma, a qualidade estética geral dos tons pasteis registrados nos estudos teóricos-históricos e oralidade.

Ao final da identificação *in situ*, foram realizadas comparações entre o Catálogo de Cores NCS, e as superfícies identificadas. Por ser tratar de uma ferramenta de uso em campo, há uma limitação dos códigos disponibilizados em sua composição, consistindo naqueles mais frequentes. E, considerando que é um sistema voltado a caracterização de cores em sítios históricos, encontrar valores coincidentes no Catálogo NCS, indicaria uma possível concordância da urbe laranjeirense com outros territórios. Nessa etapa, foi registrado uma amostra para cada grupo de matiz,

documentando: o negro S 0300-N; o amarelo S 1030-Y10R; o vermelho S 3050-R; o verde S 3030-B30G; e o azul S 1015-B (Figura 4).

Figura 4 – Comparação das superfícies com o código correspondente no Catálogo NCS.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Pelas imagens, é possível notar uma leve variação entre amostra e superfície, que são tanto consequência da relação conservação-superfície em que se situa o pigmento, como pela incidência da luz. Essas inúmeras diferenças entre as interpretações visuais frente a caracterização científica da cor, é parte da grande importância do emprego metodológico-científico da caracterização desse aspecto patrimonial. Além de permitir uma definição clara e universal dentro de um sistema, no caso o NCS, é possível realizar sua replicação exata em caso de ações de restauro ou estudos em laboratório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ao final desse trabalho centrado no Calçadão Getúlio Vargas da cidade de Laranjeiras, Sergipe, foi possível identificar a importância que as cores empregam no espaço patrimonial urbano, complementando a ligação existente entre as práticas arquitetônicas e os diferentes momentos econômicos, culturais, sociais e técnicos de uma época. Estavelmente preservando sua configuração remanescente do final do século XVIII, e principalmente do XIX, a imponente arquitetura de sobrados, que majoritariamente configura o conjunto, demonstrou uma clara evolução de sua cultura cromática, tanto em origem dos pigmentos, quanto em variedade de suas cores.

Marcando a história cromática urbana laranjeirense até 1970, foi possível constatar pela oralidade de Valdete Rocha, a constância do emprego da cor a base de cal para as pinturas, em uma paleta que variava entre o branco e tons pastéis dos ocres, rosas e verdes. No caso desses últimos dois matizes, reconhecidos por sua origem de difícil obtenção e execuções dispendiosas, é possível indicar tanto uma condição geológica especial do solo laranjeirense, que permitiu sua facilidade de acesso, quanto explicitar o poderio econômico dessas famílias, que os adquiriram por meio de relações comerciais com outros centros urbanos.

Acompanhando a evolução da cidade de Laranjeiras, e seguindo pela narrativa de Sônia Borges, foi possível conhecer uma diferente memória do Calçadão Getúlio Vargas, que por meio da inserção de insumos industriais, indicando pela origem da pigmentação por meio do “hidracor”, e ainda ligado a cal, uma nova paleta se formou. Processo que tomou força no território laranjeirense em 1980, permitiu, por meio de novos pigmentos, explorar um novo espectro cromático, apresentando a interessante adição de tons mais vibrantes, além da introdução do azul a cultura pictórica urbana de sua época.

Avançando o conhecimento histórico do passado material-cromático da Rua Direita, por meio da identificação e mapeamento das cores existentes nas 23 edificações que compõem o Calçadão, foi possível criar uma conexão entre memória e estado presente patrimonial. Entre as 57 variações cromáticas identificadas, que sendo tanto pela caracterizada baixa força cromática, ou do alto quantitativo de branco na mistura dos pigmentos caracterizados, esses se apresentaram predominantemente no espectro dos tons pastéis, preservando esse aspecto cromático do passado. Entretanto, já no que se diz respeito a paleta, foi possível identificar novas adições representadas pelos vermelhos e verdes mais intensos, provável reflexo das tintas industrializadas atualmente disponíveis no mercado.

Dessa forma, por meio da identificação e mapeamento das cores das superfícies arquitetônicas pintadas, foi possível apreender a cultura cromática presente no centro histórico da cidade de Laranjeiras; demonstrar uma metodologia científica que pode ser muito válida a conservação, prevenção e restauro do patrimônio cultural material e imaterial; e testemunhar como a paisagem urbana apresenta transformações pictóricas no decorrer do tempo; possibilitando o registro e, conseqüentemente, a preservação da memória e identidade da história dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, José. **Cor e a cidade histórica: Estudos cromáticos e conservação do patrimônio**. Porto: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto, dez. 2002.
- ALMEIDA, Túlio Vasconcelos Cordeiro de. **A cantaria policromada dos conventos franciscanos da província de Santo Antônio do Nordeste nos séculos XVII e XVIII**. Tese de doutorado. Salvador: UFBA, 2016.
- BANKS, Adam; FRASER, Tom. **O guia completo da cor**. São Paulo, 2007.
- BEZERRA, Ana Luísa F. **As cores das fachadas de edificação históricas pintadas a cal**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BEZERRA, Ana Luísa Furquim; NAPPI, Sérgio Castelo Branco. **Identificação das cores de fachadas de edificações históricas**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS. Rio de Janeiro, 2012.
- BIBLIOTECA MOREIRA GUIMARÃES. **Jornal Vida Laranjeirense**. Laranjeiras, p.5, 16 ago. 1935.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol. 2, n. 1. jan./ jul. 2005.
- CIANCIARULO, Adriana Quilici Barreto. **Materiais usados como pigmento no período colonial brasileiro**. 2014. Dissertação (Mestrado em História da Ciência). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- CRUZ, António João. **Os pigmentos naturais utilizados em pintura**. Pigmentos e Corantes Naturais. Entre as artes e as ciências. Universidade de Évora, Évora, p. 5-23. 2007
- FONSECA, Daniele Baltz da. **Tintas e Pigmentos no patrimônio urbano pelotense, um estudo dos materiais de pintura nas fachadas do século XIX**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- GIL, Milene. **A Conservação e Restauro da pintura mural nas fachadas alentejanas: estudo científico dos materiais e tecnologias da cor**. 2009. Tese (Doutorado em Conservação e Restauro). Universidade Nova de Lisboa, Monte de Caparica.
- LAMPEÃO HOJE EM BOCCA DA MATTA. **Jornal Vida Laranjeirense**. Laranjeiras, p. 4, 08 jun. 1931.
- LEÃO, Lícia Cotrim Carneiro. **O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras-SE**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MELLO, V. M.; SUAREZ, P. A. Z. **As formulações de Tintas Expressivas Através da História**. Revista Virtual Quim. Brasília, mar. 2012.
- MELO, Sônia Borges. Sônia Borges Melo. Entrevista. [ago. 2019]. Entrevistador: Karoline Padilha de Paulo. Laranjeiras, 2019. 1 arquivo .mp3 (10min).
- NAOUMOVA, Natalia. **Qualidade estética e policromia de centros históricos**. 2009. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e regional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- NOVO ORÇAMENTO MUNICIPAL. **Jornal Vida Laranjeirense**. Laranjeiras, p. 6, 13 jan. 1935.
- OLIVEIRA, Mario Mendonça. **A Documentação como ferramenta da preservação da memória**. IPHAN/Programa Monumenta, Cadernos Técnicos n. 7. Brasília, 2008.
- OLIVEIRA, Philadelpho Jonathas de. **Registro de Fatos Históricos de Laranjeiras**. 2ª ed. Sergipe, 1981.
- PEDROSA, Israel. **Da cor a cor inexistente**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.
- Plano Urbanístico de Laranjeiras. 1975. A Região e sua Ocupação. UFBA, v.1, datilografado, Salvador.

Plano Urbanístico de Laranjeiras. 1975. A Região e sua Ocupação. UFBA, v.3, datilografado, Salvador.

ROCHA, Valdete. Valdete Rocha. Entrevista [ago. 2019]. Entrevistador: Karoline Padilha de Paulo. Laranjeiras, 2019. 1 arquivo .mp3 (10min).

SILVA, Mayra M; SANJAD, Thais A. B. C. **Influência local no uso de tintas em edifícios do século XVIII de Belém-PA.** In: I Congresso Internacional de História da Construção Luso Brasileira. Espírito Santo, Vitória, set. 2013.

VITRÚVIO. **Tratado de Arquitetura.** Tradução, introdução de notas M. Justino Maciel. Coleção Todas as Artes. São Paulo, 2007.